A cidade como espaço material e imaterial: representações e memória

Eliane Aparecida da Silva Rodrigues ♣

Resumo: A cidade se apresenta como um espaço físico de múltiplos interesses, sendo eles políticos, de lazer, de trabalho, de construção e modernização. Nesse jogo de construção do fazer e do re-fazer, diferentes representações de ordem coletiva e individual proporcionam através da memória, e de diferentes práticas culturais, uma leitura da cultura material e imaterial que compõe os espaços urbanos. Nesse sentido as pessoas que convivem e vivem a cultura do turismo fazem parte de um cenário urbano, onde as representações se apresentam de formas diversificadas.

Palavras-Chaves: Cidade – Turismo – sociabilidades

A cidade de Caldas Novas é hoje considerada pelos pesquisadores uma das maiores Estâncias Hidrotermais do mundo. Localizada no interior de Goiás a cidade possui um turismo forte e ainda não muito definido pelos observadores, pois se concilia turismo de massa, turismo de negócios e principalmente turismo de lazer.

A cidade cresceu e vem crescendo desordenadamente em função dessas diversidades turísticas e, nesse contexto, algumas problemáticas podem ser identificadas, como o uso inadequado da água quente, o crescimento sem controle do setor imobiliário, a degradação do meio ambiente, a ausência de infra-estrutura, o aumento da violência, pouca qualificação de mão-de-obra, a presença de práticas culturais bastante diversificadas, mudanças de hábitos, dentre outras.

Nesse caso, apontaremos diante de tais problemáticas apenas duas questões para essa reflexão, sendo a primeira sobre a água quente, principal produto do turismo e de sobrevivência da cidade, que não é visto como patrimônio pelos que residem e sobrevivem dessa atividade. E em segundo lugar as práticas culturais e de sociabilidades

♣ Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, na Linha de História e Cultura. Graduada pela Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Professora do Curso de Pedagogia e Turismo da Unicaldas – Faculdade de Caldas Novas, do Ensino Médio do Colégio Unicaldas e Prefeitura Municipal de Caldas Novas.

que foram ao longo do tempo se transformando e sendo readaptadas em função das constantes mudanças sociais que se deram a partir do turismo.

O que nos leva a reflexões sobre as atividades que envolvem pontos que são considerados patrimônio, ou lugar que deve ser preservado pela sociedade, é exatamente o uso inadequado e, especialmente, a falta de políticas públicas que envolvem tais atividades. Por isso temos como objeto empírico de pesquisa a cidade de Caldas Novas e suas movimentações em termos de crescimento urbano, de circulação de pessoas de diferentes lugares e hábitos, a forma de lazer que se pratica na cidade pelos turistas, a falta de conscientização da população local diante do crescimento e desenvolvimento desordenado sobre a cidade, as mudanças de estilos e de relacionamentos com a natureza que os cerca, a qual é responsável pela prática turística na cidade.

Vários são os pontos que poderíamos aqui apontarmos sobre a cidade e sua cotidianidade em torno das atividades turísticas que são proporcionadas pelas águas termais. Porém, estaremos nos limitando apenas a essa questão da água quente, a construção de um mito que transformou Caldas Novas em uma das cidades mais visitadas pelas suas belezas naturais e, em segundo lugar, as mudanças nas práticas de sociabilidade que isso vem proporcionando.

O processo de modernização, especialmente quando envolve espaços físicos, provocam de certa forma um certo esquecimento, ou seja, a simbologia guardada pela memória está também manifestada em ambientes materializados, externalizados em algum espaço público ou particular. Esse momento moderno provoca reflexões que devemos retomar para pensarmos sobre essa identidade perdida. É necessário buscar uma ordenação dos fatos passados ou do real vivido para compreendermos o tipo de realidade que se manifesta. Nesse caso a memória se torna um instrumento desse retorno, pois é uma das referências para resgatar as manifestações nos espaços culturais e as ações culturais desses sujeitos sociais.

> Em realidade, no desenvolvimento contínuo da memória coletiva, não há linhas de separação nitidamente traçadas como na história, mas somente limites irregulares e incertos. O presente (...) não se opõe ao passado, configurando-se dois períodos históricos vizinhos. Porque o passado não mais existe, enquanto que, para o historiador, os dois períodos têm realidade, tanto uma quanto o outro.[1]

[1] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990. p.84.

Passado e presente estão interligados por uma rede de lembranças e marcas sejam elas de um grupo ou de um sujeito social. As manifestações nos espaços podem desaparecer com a modernização, mas a imagem de uma lembrança fica presente na memória daqueles que vivem ou visitam o lugar.

Em pouco espaço de tempo a modernização acelerada chega e paralelo a essas mudanças, a memória vai substituindo alguns símbolos de uma cidade pacata, caipira e interiorana por uma cidade moderna, cheia de automóveis, prédios e pessoas por todos os lados, uma nova arquitetura vai sendo construída em cima da velha e saudosa cidadezinha. Nesse caso a corriqueira Caldas Novas foi crescendo sem que as pessoas que aqui nasceram percebessem esse rápido desenvolvimento.

> Lugares e não-lugares articulam-se no ponto de partida destas reflexões que não lamentam nostalgicamente a perda de um onde / quando, em que os marcos físicos encarnariam sentimentos ou personagens míticos, territorializando profunda e definitivamente a experiência social de cada um e fornecendo as referências compartilhadas por todos.[2]

O espaço da cidade vai sendo transformado por diferentes experiências que vão se manifestando. A convivência no dia-a-dia permite, e ao mesmo tempo proporciona mudanças que são importantes para a construção de novos relacionamentos. De um lado o desejo das pessoas em apresentar ao mundo as águas quentes, grande riqueza natural que a cidade possui, e ao mesmo tempo lucrar com esse produto e talvez, sem muita consciência de exploração a desestruturação de uma cidade em termos culturais, econômicos e políticos.

O que pretendemos compreender e refletir é a forma como a cidade foi ao longo de sua história se desenvolvendo. No período entre as décadas de 1950-80 a cidade de Caldas Novas passou de uma cidade pacata e interiorana para uma cidade modernizada pela arquitetura de cimentos, ou seja, o setor imobiliário e hoteleiro desenvolveu rápido e de forma desordenada, sem controle, sem infra-estrutura e sem preparação social para a convivência com essa nova realidade. Prédios foram sendo construídos em todos os sentidos e em todos os lugares. Essa manifestação provocou na população da cidade

---

[2] ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas**: Transformações do Espaço Público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. p.18

uma rápida transformação em costumes, hábitos, valores e maneiras ou formas de viver e conviver.

Acreditamos que é possível perceber algumas mudanças e readaptar algumas práticas culturais durante esse rápido processo, mas por outro lado algumas manifestações se tornam incapazes de acompanhar o desenvolvimento material, dentre esses pontos estão a memória, alguns valores, costumes, tipos de crenças, hábitos que possuem maneiras diferentes de se movimentar, pois necessitam de conscientização dessas transformações e de um determinado espaço de tempo para a aceitação de outros elementos pela memória.

Diante dessas observações percebemos que dois fatos não estão muito claros no processo de desenvolvimento da cidade de Caldas Novas. Um seria a consciência por parte da população, empresários da rede hoteleira e poder público sobre a importância do produto, que possuem que são as águas quentes termais, e de outro, como a população local poderia ser trabalhada em termos de conscientização para melhor receber o turista, sobreviver melhor do produto que comercializa e principalmente, saber preservar esses recursos com algumas medidas como o desenvolvimento de eventos que não promovam danos a natureza ou a perturbação de moradores e turistas em geral. Criar recursos de infra-estrutura como saneamento básico, asfaltos, bons hospitais, dentre outros.

Em algumas obras literárias que retrata o processo histórico, econômico e cultural de Caldas Novas não notamos uma preocupação em preservar esse grande empreendimento natural como um patrimônio local ou nacional, já que manifestam constantemente que Caldas é a maior estância hidrotermal do mundo. Se esse produto (água quente) é visto e compreendido como um dos principais indicadores econômico e de entretenimento que o Estado de Goiás possui, por que não há consciência de preservação do produto e nem da cultura local?

No processo de desenvolvimento da cidade é possível percebermos pelos panfletos de divulgação, propagandas de uma forma geral, que tudo que leva o nome Caldas Novas é acoplado a esse evento o produto água quente e o termo maior estância hidrotermal do mundo, sendo possível perceber que durante toda sua história a idéia de um mito foi sendo construído na concepção das pessoas. A cidade que possui água

quente é o melhor lugar para se estar, viver, divertir, descansar, realizar negócios porque possui água quente.

É possível notarmos, também, que a idéia de um mito está na memória daqueles que vivem e daqueles que visitam a cidade. Como compreender que todas as transformações foram sendo assimiladas por todos de forma homogênea as transformações culturais e as práticas de sociabilidade? A cidade é construída também por símbolos, não apenas de tijolos, cimentos ou grande obras públicas. A substituição dos pequenos clubes, dos estabelecimentos públicos, do balneário por esses grandes monumentos não acontece de forma rápida e prática como uma construção de um prédio. Conforme Bosi (1994: 19) "dessa maneira, as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra 'história', por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade.

A memória precisa de tempo para readaptar o que durante um intervalo de tempo conviveu e participou. Por outro lado percebemos também que as práticas de sociabilidade não se adaptam rapidamente a esse ambiente modernizado e transformado. A identificação do lugar quase se perde quando a memória precisa se adaptar para conviver com outra imagem e com outras formas de comportamentos. Há um processo para que essa mudança se estabeleça na memória das pessoas.

A arquitetura urbana transformada permite também que novos valores e novas práticas culturais aconteçam, da mesma forma, assim compreendemos que, a arquitetura preservada mantém uma característica e uma referência para a população e para as pessoas que visitam todos os anos ou de tempo em tempo a cidade. Partindo dessa visão de que o espaço físico da cidade é o espaço no qual as relações sociais e as práticas socioculturais acontecem é que compreendemos que há nesse espaço diferentes realidades a serem pensadas.

> Por cidade não se deve entender apenas um traçado regular dentro de um espaço, uma distribuição ordenada de funções públicas e privadas, um conjunto de edifícios representativos e utilitários. Tanto quanto o espaço arquitetônico, com o qual de resto se identifica, o espaço urbano tem os seus interiores. São espaço urbano o pórtico da basílica, o pátio e as galerias do palácio público, o interior da igreja. Também são espaço urbano os ambientes das casas particulares; e o retábulo sobre o altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até o tipo de roupa e de adornos com que as pessoas andam, representam seu papel na dimensão cênica da cidade. Também são espaço urbano, e não menos visual por serem mnemônico-imaginárias, as extensões da influência da cidade além dos seus limites: a zona rural, de onde

> chegam os mantimentos para o mercado da praça, e onde o citadino tem suas casas e suas propriedades, os bosques onde ele vai caçar, o lago ou os rios onde vai pescar...[3]

Observa-se que a cidade é composta por diferentes manifestações. A cidade é vivência entre sujeitos sociais, que criam em seus ambientes diferentes estilos e manifestações de construções. Cada referência que esse citadino possui é criado uma significação, uma leitura, uma interpretação proporcionando num conjunto as significações do lugar.

Em alguns casos, com a mudança da cidade ou a sua modernização, percebemos que não acontece de forma uniforme, ou seja, nem toda a população da cidade participa desse processo modernizador diretamente. Algumas práticas são facilmente substituídas pelos grandes empresários ou até mesmo pelo poder público sem que a população, especialmente a população mais pobre, popular, perceba da mesma forma essas transformações. É possível notar a existência de dois lugares nesse sentido. O lugar no qual a memória construiu valores, lembranças, práticas culturais e os não-lugares aqueles que foram construídos para satisfazerem a um determinado setor na sociedade.

> Lugar é a idéia, parcialmente materializada (porque em parte inscrita concretamente no espaço), que os habitantes têm de suas relações com seu território, com suas famílias e com os outros. Tal idéia é variável, em parte, segundo as posições que indivíduos e grupos ocupam no sistema; e pode ser transformada em mitologia. Provê e impõe, porém, referências que, quando desaparecem, são de difícil substituição.[4]

Não estamos aqui compreendendo o espaço físico como responsável individualmente pela criação de simbologias e significados, mas como um dos componentes importantes do objeto de estudo que deve ser pensado. Devemos notar que o espaço físico pode estar agrupado por várias situações, de um lado o espaço para as relações de produção e, de outro, o espaço como forma concreta para o desenvolvimento das simbologias. Acreditamos que, segundo Thompson (1998: 308)

---

[3] ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade.** Trad.: CABRA, Píer Luigi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 43.

[4] CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um Historiador fala de Teoria e Metodologia**: Ensaios. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 43

“dessa evidência fragmentária e enigmática, devemos extrair todas as percepções possíveis sobre as normas e a sensibilidade de uma cultura perdida.

De um lado da sociedade é possível perceber que as transformações se dão de uma forma natural, é necessário economicamente desenvolver tais mudanças para manter a idéia de que a cidade das águas quentes é o melhor lugar para se visitar. Ao consultar as obras literárias e os panfletos de divulgação da cidade, a forma como o marketing é feito isso fica claro, pois o poder público e os empresários não pensavam e não pensam no todo da cidade e sim apenas na imagem de um produto que, a marca que se construiu durante todo seu processo histórico.

E o outro lado da cidade? E a população que vive essas transformações, mas que não são pensados. Ao fazermos referência a Thompson (1998) de uma cultura perdida é exatamente nesse sentido. Quando e onde que a população da cidade de uma forma geral é lembrada? É possível que essa população acompanhe essas transformações e modifiquem seus hábitos rapidamente para atender a necessidade do turismo? Sabemos que essa cultura fica permeando as novas práticas de sociabilidade, e que de uma forma ou de outra essa população manifesta sua cultura. Transfere valores, hábitos e costumes que não são percebidos pelo poder público, mas que fazem parte da cultura que é formada a partir das práticas turísticas.

> Os lugares sociais assim construídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros, como se formassem um gigantesco e harmonioso mosaico... Eles se superpõem, e entrecruzando-se de modo complexo, formam zonas simbólicas de transição, onde atores e cenários desenvolvem atributos análogos...[5]

Esses atores citadinos convivem diariamente com esse processo tanto do mito criado para a comercialização do produto água quente quanto com a prática cotidiana que forma outras manifestações culturais. Essas práticas se entrecruzam, interagem em alguns momentos e não o tempo todo. A massa é a mão-de-obra que presta serviços a esse empreendimento turístico. Camuflada ou não ela está presente na rotina do turista quando este está presente na cidade. Ela faz parte do espaço físico em que circulam as atrações turísticas.

---

[5] ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas**: Transformações do Espaço Público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. p.106.

Podemos assim notar que a cidade manifesta diferentes características nas suas relações sociais, interesses diferentes, mas que não podem ser pensados separados. De um lado estão o poder público e os empresários com suas rápidas mudanças e adaptações para que cada vez mais possam vender seu produto, manifestado nas construções urbanas, mudanças arquitetônicas, criação de novos empreendimentos sejam eles de lazer ou de modernização na estrutura da cidade.

De outro lado está a população que no dia-a-dia mantém uma cultura, que no contexto das atrações turísticas não tem muita importância comercial, mas que é fundamental para a preservação de determinados valores entre a população e o turista, pois são esses sujeitos sociais que estão diretamente convivendo com os turistas e que mostram um pouco da cultura local, a cultura desse lugar social. São esses mesmos sujeitos sociais que também manifestam preocupação em preservar a cidade enquanto natureza, enquanto patrimônio. Procuram fazer e manifestar consciência de que o uso inadequado de todos os recursos deve ser cuidado para não desaparecer. São esses sujeitos sociais que também preservam uma memória e ao mesmo tempo adaptam novas práticas culturais, mantendo uma relação entre o novo e o velho, entre o arcaico e o moderno.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas**: Transformações do Espaço Público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade.** Trad.: CABRA, Píer Luigi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um Historiador fala de Teoria e Metodologia**: Ensaios. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.